

CRIANÇAS AIKEWÁRA: ENTRE A TRADIÇÃO E OS NOVOS PROCESSOS DE MEDIAÇÃO

Ivânia dos Santos Neves

(Professora Dr. e Coordenadora do Programa de Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura – UNAMA, e-mail: ivanian@uol.com.br)

RESUMO: Este artigo pretende descrever o projeto “Crianças Suruí-Aikewára: entre a tradição e as novas tecnologias na escola” e analisar algumas de suas atividades, a partir das perspectivas dos estudos culturais e da análise do discurso. Pretendemos mostrar como também é possível colocar as novas tecnologias a favor da diversidade cultural, em ações afirmativas. Não podemos desconsiderar os processos históricos em que se construíram as fronteiras entre os povos indígenas e as sociedades ocidentais. Por outro lado, acreditar que não existe um horizonte de possibilidades que permita a desconstrução deste discurso hegemônico, é também uma maneira de reforçá-lo.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Indígena - Audiovisual e sociedades indígenas – Cosmologia Tupi

Primeiras palavras

O sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado: composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais, o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, invariável e problemático.

Stuart Hall

Ainda que existam sociedades isoladas dentro da Amazônia, no Brasil, a maioria dos povos indígenas mantém relações efetivas com a sociedade envolvente. Já estabelecem, portanto, uma fronteira cultural com as instituições ocidentais (igreja, escola, televisão, rádio, secretarias públicas, ONGs, entre outras). Nascidas dentro deste cenário, grande parte das crianças indígenas se constitui nestas fronteiras.

Todas as iniciativas voltadas para estas sociedades de fronteiras devem considerar a constante negociação de culturas em que vivem. Não cabem mais em uma única e estanque identidade e muito provavelmente nunca couberam. O discurso que prevalece sobre o isolamento pré-colombiano é apenas mais uma invenção ocidental, pois sempre houve interação entre as sociedades indígenas, através de rituais religiosos, festas, guerras etc. Hoje, estes povos nativos da América são índios, mas são brasileiros, são estudantes, muitos estão imersos em práticas religiosas cristãs, são consumidores, telespectadores e

já começam a ser usuários de internet. Acreditar que depois de contactadas estas sociedades não se atravessariam pelas culturas ocidentais é no mínimo ingênuo.

Historicamente, o início do contato entre as sociedades indígenas e as instituições ocidentais, além de terem resultado na morte de milhares de índios, quer seja por processos de violência, quer seja por questões de saúde, representa quase sempre uma grande desestruturação política e cultural. Este contato, no entanto, uma vez realizado estabelece uma nova e irreversível ordem para estas sociedades.

Desde o início da colonização, naturalmente, foi a palavra escrita, européia, branca e seus registros visuais que traduziram o “novo mundo” e seus habitantes para as sociedades ocidentais. Foram os discursos europeus, materializando seus diversos interesses, muitas vezes estabelecidos através do poder bélico de seus exércitos, que começaram os processos de mediação entre colônias e metrópoles.

Não é possível pensar, no entanto, que existiu um único sujeito particular que planejou o sistema colonial. Nem mesmo uma única instituição ocidental pode ser responsabilizada individualmente. O colonialismo europeu, tanto na América como em outras partes do mundo, se impôs a partir de uma multiplicidade de interesses. Os Estados europeus, com seus exércitos e seus anseios de se tornarem impérios, as grandes empresas que começavam a surgir e desejavam abrir novas frentes de exploração econômica e a Igreja Católica com o objetivo de aumentar o rebanho de Deus são alguns dos mais visíveis fatores que impulsionaram as práticas coloniais.

Para alcançar seus objetivos, estas instituições ocidentais criaram uma série de estratégias de dominação, dispositivos que agenciavam a exploração de riquezas florestais e minerais, mas que se estruturavam na construção de cidades, na imposição de línguas oficiais, e que também estabeleceram os processos de sujeição impostos às sociedades indígenas. Para Foucault, dispositivo é um determinado agrupamento de práticas, que constituem um sujeito em uma trama de saberes e em um jogo de forças que lhes são imanentes.

Conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. (FOUCAULT,

2006, p. 244)

Embora não seja novidade que a grande maioria dos países, na contemporaneidade, é constituída por uma multiplicidade de processos identitários, é inegável que os discursos marcados pelo evolucionismo cultural, que elegeram o europeu e depois seus herdeiros como o ideal de civilização, ainda determinam bastante os processos de mediação nas sociedades ocidentais.

Mais de cinco séculos depois de Colombo, o mundo mudou e o continente americano escreveu histórias bastante diferenciadas. Quando pensamos nas sociedades indígenas, no entanto, estas relações de poder, agenciadas pelos interesses coloniais europeus, que desde o início inventaram um índio selvagem, destituído de racionalidade e de direitos, ainda estão bastante vivas na memória das populações americanas.

Hoje, a mídia alcançou uma pluralidade de novos espaços e já podemos sentir os alcances da Web 2.0 com seus blogs e sites de relacionamentos anunciando a “democratização” da comunicação. Só não podemos ignorar que apesar de tantas transformações, todos estes processos de mediação continuam entoados pelas antigas e remasterizadas relações de poder que dividiram o mundo entre metrópoles e colônias.

Sem muita dificuldade, numa pesquisa no Google, se colocarmos “Índios Tupinambá”, “Imagens”, o que aparece são os registros feitos pelos europeus, no início do século XVI, tomados como legítima representação da antropofagia. Neles, este importante ritual, desprovido de qualquer aspecto religioso, aparece como uma refeição cotidiana daqueles malvados e selvagens índios. A invenção do índio selvagem que se iniciou com os interesses ibéricos pode ser acessada sem nenhuma dificuldade teclando na Web. Seria ingênuo acreditar que os velhos discursos não estariam traduzidos para o dígito. Não podemos ignorar que:

Como o próprio nome parece indicar, as mídias desempenham o papel de mediação entre seus leitores e a realidade. O que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta. (GREGOLIN, 2003, p.97)

Este artigo pretende descrever o projeto “Crianças Suruí-Aikewára: entre a tradição e as novas tecnologias na escola” e analisar algumas de suas atividades, a partir das perspectivas dos estudos culturais e da análise do discurso. Agora, diferente do que possam ter suscitado os parágrafos iniciais, pretendo mostrar como também é possível colocar estas novas tecnologias a favor da diversidade cultural, em ações afirmativas.

Não podemos desconsiderar os processos históricos em que se construíram as fronteiras entre os povos indígenas e as sociedades ocidentais. Por outro lado, acreditar que não existe um horizonte de possibilidades que permita a desconstrução deste discurso hegemônico, é também uma maneira de reforçá-lo.

Não existem discursos hegemônicos sobre as sociedades indígenas que as tenha feito calar definitivamente. Sempre existiram e sempre existirão tensões discursivas, conflitos, polêmicas, resistência. Em relação às novas tecnologias da informação não é diferente. Para Martín-Barbero (2004, p.192):

As tecnologias não são meras ferramentas dóceis e transparentes e não se deixam usar de qualquer modo, são em última instância a realização de uma cultura, e dominação das relações culturais. Mas o redesenho é possível, se não como estratégia, ao menos como tática, no sentido que lhe dá M. de Certeau: o modo de luta daquele que não pode se retirar para o seu lugar e vê-se obrigado a lutar no terreno do adversário.

O mais forte, de fato, ganhou, na maioria das vezes, mas é possível trapacear. Por que não se apropriar destas tecnologias da informação? Nosso empenho, no momento, dos Aikewára e da equipe de alunos e de profissionais envolvidos no projeto “Crianças Suruí-Aikewára: entre a tradição e as novas tecnologias” é mostrar que existem iniciativas na contramão desta história.

Sobre o projeto

Os índios Suruí-Aikewára, de língua e tradição Tupi, vivem atualmente sob a liderança do cacique Mairá Suruí, na Terra Indígena Sororó, localizada entre os municípios de São Domingos do Araguaia e São Geraldo do Araguaia, no sudeste do estado do Pará, aproximadamente a 800 km da

capital Belém. Somam hoje, segundo dados da enfermaria da aldeia, pouco mais de 315 índios, com mais de 200 crianças. Quando foram contactados sistematicamente, nos anos de 1960, o grupo sofreu uma grande depopulação e chegou a apenas 33 índios. Diante deste quadro caótico, alguns antropólogos anunciaram o fim deste povo, mas os Aikewára sobreviveram e ainda hoje continuam passando por um processo de reestruturação social.

As relações que estabeleceram com a sociedade envolvente interferiram bastante em suas práticas sociais. Se os mais velhos não dominavam a língua portuguesa, hoje, a maioria das crianças não fala com muita frequência sua língua tradicional. Esta situação também é recorrente em outras áreas do conhecimento. As ciências da vida em que se relacionam conhecimentos de química, biologia, botânica, os conhecimentos de matemática, de astronomia, a história contada pela visão indígena em suas narrativas orais, a produção artística. Assim como seus rituais religiosos e festivos, em diversas situações, vêm-se ameaçados de desaparecimento em função da “invasão” da cultura ocidental.

As crianças Aikewára, bem cedo, são expostas à escola ocidental, e às novas tecnologias da informação (televisão, telefonia celular, internet), o que é natural para quem vive nas fronteiras culturais. O problema é que grande parte destas crianças só tinha acesso às produções culturais do ocidente e o conhecimento produzido pelos povos indígenas ficava do lado de fora do seu universo de mediações.

Desde a Constituição de 1988, as sociedades indígenas têm garantido por lei, o direito a uma educação escolar diferenciada. Na realidade, no entanto, há poucas escolas indígenas oficializadas espalhadas pelo país. Um dos maiores desafios destas escolas é construir metodologias que estabeleçam um diálogo entre as suas práticas tradicionais e as novas tecnologias da informação. O material didático produzido durante a realização deste projeto vai possibilitar aos Aikewára se apropriarem destes recursos tecnológicos para expressar sua tradição cultural.

O projeto “Crianças Suruí-Aikewára: entre a tradição e as novas tecnologias”, financiado pelo Criança Esperança, parceria da Rede Globo / UNESCO, é a primeira etapa de um programa maior da UNAMA- Universidade da Amazônia, que está voltado para o povo indígena Suruí-Aikewára. Seu período de realização é de fevereiro de 2010 a janeiro de 2011. Fazem parte da equipe permanente do

projeto as coordenadoras Ivânia dos Santos Neves e Alda Cristina Costa e os bolsistas Maurício Neves Corrêa, Gilvandro Xavier Júnior e Lariza de Moraes Gouvêa.

O principal desafio deste projeto é traduzir a cultura Aikewára para registros escritos e audiovisuais, respeitando suas singularidades. Nosso objetivo é contribuir com a construção de um currículo escolar que traduza a cultura tradicional desta sociedade e favoreça a efetivação de uma escola indígena realmente diferenciada. Estamos juntos com eles, encontrando estratégias para que possamos nos apropriar das novas tecnologias da informação e lhes dá um significado social dentro da história Aikewára do presente. Segundo Martín-Barbero (2004, p. 19):

A apropriação, ao contrário, se define pelo direito e capacidade de fazer os nossos modelos e as teorias, venham de onde venham, geográfica e ideologicamente. Isso implica não só a tarefa de ligar, mas também a mais arriscada e fecunda de redesenhar os modelos para que caibam nossas diferentes realidades, com a conseqüente e inapelável necessidade de fazer leituras oblíquas desses modelos, leituras “fora de lugar”, a partir de um lugar diferente, a partir de um lugar diferente daquele no qual foram escritos.

Tanto a produção dos livros como a dos filmes tem sido feitas a partir de experimentações didáticas, procurando uma linguagem que permita uma tradução coerente da cultura Aikewára. Como organizar a palavra escrita e o grafismo? Como trabalhar a linguagem audiovisual das narrativas sem que os filmes fiquem monótonos? Como enfrentar o deslumbramento dos Aikewára diante das novas tecnologias da informação? Aos poucos, estes são alguns desafios que estamos superando.

As atividades na Terra Indígena Sororó estão estruturadas na realização de 08 oficinas. A partir dos registros e das discussões com os Aikewára durante a realização destas oficinas é que produzimos o material didático, principalmente em recursos audiovisuais, de apoio à escola. Também nestes momentos fazemos discussões sobre as metodologias de ensino em diversas áreas do conhecimento.

As atividades, que a princípio previam envolver diretamente 100 crianças e jovens, na faixa etária de 05 a 18 anos, agora atentem a 120 índios Aikewára e em algumas atividades suas famílias também participam. Já houve ocasião em que quase todos os Aikewára estavam presentes, principalmente nos momentos de contação de histórias ou de exibição dos filmes produzidos pelo projeto.

As oficinas, que duram 04 ou 05 dias, são coordenadas por um professor especialista convidado e os professores Aikewára. Elas acontecem em diferentes espaços dentro da Terra Indígena Sororó: na escola, no atelier e na Casona (grande pavilhão erguido de palha e madeira, na praça central da aldeia, onde se realizam suas principais práticas sociais) ou em outro espaço, dependendo das atividades desenvolvidas.

As atividades desenvolvidas nas oficinas são voltadas para a pesquisa sobre as tradições Suruí: conhecimento, rituais, manifestações artísticas e culturais. O eixo norteador destas oficinas são as narrativas orais Aikewára. Contadas pelos pajés e pelos poucos índios mais velhos, estas narrativas traduzem o conhecimento e a memória deste povo.

A oralidade é uma das principais características das tradições indígenas. É através da fala que a tradição e o conhecimento indígena há milênios vem passando de geração para geração. Equivocadamente, muitos estudiosos tentaram simplesmente transcrever estas narrativas, como se elas fossem limitadas à palavra falada.

Mihó Suruí, um dos pajés do grupo, normalmente, quando vai contá-las, faz uma pintura corporal relacionada a elas, canta e dança durante a narrativa e se utiliza de uma série de gestos e sons para compor sua performance. Traduzir apenas a fala de Mihó para o texto escrito é empobrecer as narrativas e por consequência, empobrecer o conhecimento e a memória dos Aikewára. Durante a contação das histórias, já ficou visível a relação entre os gestos do intérprete / narrador e quem assiste à performance. Para Paul Zumthor (1993, p. 243):

[performance] é objeto de percepção sensorial interpessoal, o gesto coloca em obra, em seu autor, elementos cinéticos (comportando quase sempre um ruído, mesmo fraco, na ausência de acompanhamento vocal), processos térmicos e químicos, traços formais como dimensão e desenho, caracteres dinâmicos, definíveis em imagens de consistência e peso, um ambiente, enfim, constituído pela realidade psicofisiológica do corpo. Naquele que observa o gesto a decodificação implica fundamentalmente a visão, mas também em medida variável, o ouvido, o olfato, o tato e uma percepção sinestésica.

Neste projeto, trabalhamos com as narrativas orais em todas as suas possibilidades. Elas representam um processo de comunicação audiovisual composto por falas, gestos, danças, pinturas.

Por outro lado, transmitem conteúdos que constituem a história vista pelos Aikewára, mas que também compreendem conhecimentos de matemática, de botânica, de astronomia. Em função da complexidade das narrativas, é necessário que se produzam recursos didáticos audiovisuais para que esta tradição oral esteja mais perto das crianças na escola.

O projeto está acontecendo em dois momentos. A primeira etapa é sempre a realização da oficina na Terra Indígena Sororó, com o envolvimento direto de quase todos os Aikewára, tanto os alunos participantes, como suas famílias. No segundo momento, as ações são realizadas em Belém, no escritório do projeto e no LABCOM – Laboratório de Comunicação Social da UNAMA e estão voltadas para a finalização do material didático.

As oficinas acontecendo...

A primeira oficina realizada pelo projeto foi sobre a comida Aikewára. Arihêra Suruí, Maria Suruí e as outras índias mais velhas se reuniram com a equipe do projeto e Maria Eliane, nutricionista da Secretaria de Saúde de São Geraldo do Araguaia. Elas definiram o cardápio que seria servido durante as atividades do projeto. Segundo Arihêra “Nós não comemos carne de vaca, não. Não comemos também a carne de macaco, porque a perna da gente fica mole!”

A alimentação dos Aikewára ainda mantém algumas características tradicionais, portanto, foi necessário discutir um cardápio adequado à cultura deles, para que não fossem servidos alimentos que eles não consomem como chocolate, sal, carne seca.

Historicamente, a merenda escolar servida entre os Aikewára não respeita a comida tradicional do grupo. Além do cardápio, o resultado positivo desta oficina foi compreender que, apesar dos novos hábitos alimentares ocidentais, a comida tradicional é um espaço de resistência cultural. Podemos observar que hoje, além da caça e de alguns pratos mais tradicionais, os hábitos alimentares ocidentais já fazem parte do cotidiano do grupo. Um dos reflexos destes novos hábitos está visível na dentição careada das crianças, situação que não existia antigamente.

Como resultado desta primeira ação foi produzido um filme curta-metragem “A Comida

Aikewára”, dirigido por Maurício Neves Corrêa, em que aparecem depoimentos das índias mais velhas, as responsáveis pela comida entre eles. Outro resultado positivo é que eles ficaram com o cardápio elaborado pela nutricionista e vão, sempre que possível, propor que seja usado na escola.

A segunda oficina foi sobre “O Caminho da Anta”, uma das principais narrativas orais dos Aikewára. Depois de Mihó Suruí contar a história, a professora, lingüista, Monica Vasconcellos Cruvinel deu início aos trabalhos de materialização do Caminho da Anta. Foram produzidos os registros escritos, os desenhos sobre a narrativa, mas o momento alto desta oficina foi a confecção de bichinhos de argila. A narrativa é repleta de animais que formam o Caminho da Anta. Os alunos do projeto materializaram estes animais, esculpindo-os em argila. O trabalho com a argila contou com a participação de alguns índios mais velhos, que fizeram questão de participar da oficina.

Esta segunda oficina teve início depois da exibição do primeiro filme “A Comida Aikewára”. Podemos sentir a diferença entre os índios mais novos depois desta exibição. Nunca haviam se visto na “telinha” e o efeito imediato foi de estímulo. Na língua tradicional, *Aikewára aúwa* significa Aikewára na televisão.

Os Aikewára se reuniam na frente de uma televisão de LCD. Na tela, o menino Sari cantava a música para toda aldeia, depois a índia Arihêra contava a história das comidas. Pela primeira vez na terra indígena Sororó, os Aikewára eram os protagonistas do filme. (CORRÊA, 2010)

O Sapurahái, que significa o ritual de música e dança entre eles, e o grafismo Aikewára marcaram a Oficina 03: Narrativas Oraís, corpo, música e dança. Uma das primeiras solicitações que os Aikewára fizeram ao projeto foi que registrássemos seus desenhos corporais e suas danças. O primeiro livro Grafismos Aikewára, que está em fase de finalização faz o registro dos desenhos corporais. Em relação ao Sapurahái, ele passou a constar no cotidiano do projeto. Em todas as oficinas eles se pintam, dançam e cantam o Sapurahái. Inicialmente, quando planejamos esta oficina, não imaginávamos que ela fosse se tornar uma atividade constante no projeto. Agora está claro que em todos os momentos, os Aikewára sempre vão fazer questão de se pintar, dançar e cantar.

Ainda no primeiro semestre, aconteceu a primeira oficina de fotografia Aikewára, coordenada

pela bolsista Lariza de Moraes Gouvêa. Nela, as crianças e os jovens tiveram sua primeira experiência como fotógrafos. Todos tiraram 05 fotos e escolheram uma para ser impressa. Montamos um foto-varal na Casona e a exposição das fotos causou um alvoroço entre eles. No final, muitas crianças diziam que queriam de novo a oficina, porque ficaram muito tímidas. Afirmavam que da próxima vez tirariam fotos mais ousadas. Depois desta oficina, passou a ser cotidiano do projeto eles próprios fazerem os registros fotográficos.

No segundo semestre, serão realizadas ainda as oficinas seguintes: Oficina 04: As Novas Tecnologias e as possibilidades de interpretação – Como os Suruí compreendem as novas tecnologias? Que faixas etárias assistem à televisão? Como eles vêem a chegada do telefone celular e do computador?

Oficina 05: As ciências da vida. Geografia, botânica, biologia, como os Aikewára se relacionam com a biodiversidade da floresta? Quais as principais ervas de que se utilizam? Como denominam os animais e se relacionam com eles? Como se localizam, geograficamente no mundo, no Brasil e no Pará?

Oficina 06: Astronomia e Conhecimentos Matemáticos- Os Aikewára são profundos conhecedores dos caminhos do céu. Eles reconhecem dois grandes conjuntos de constelações e identificam a passagem do tempo através dos movimentos dos astros celestes. Os conhecimentos de matemática do grupo estão bastante relacionados à astronomia.

Oficina 07: Artes do Fazer – Alguns artefatos culturais, como as redes de dormir, o arco e flecha, os cestos, são bastante significativos para a cultura Aikewára. O objetivo desta oficina é trabalhar com a produção destes artefatos, fazer um levantamento de como eram produzidos tradicionalmente e como são produzidos hoje.

Entrando na nada tradicional rede...

Em maio, colocamos no ar o blog: <http://aikewara.blogspot.com>, com informações sobre o projeto e sobre a cultura Aikewára de uma forma geral. Eles não estavam presentes na ocasião. Só em junho, durante a realização da quarta oficina que tivemos a oportunidade de cadastrá-los no blog. Agora já há 03 autores Suruí contribuindo. Em breve, será inaugurada uma nova escola na Terra Indígena

Sororó, administrada pela Secretaria Estadual de Educação. Nela haverá uma sala de informática, onde eles se conectarão à internet.

Não há, porém, nenhum planejamento educacional que prepare a sociedade Aikewára para o mundo digital. A chegada da internet pode representar a efetiva inclusão dos Aikewára nas redes sociais, se lhes forem dadas condições de também postarem conteúdos na rede. Pode representar um espaço de denúncia para as invasões em suas terras e para o devastamento da floresta. Pode ser um canal por onde comercializem seu artesanato. É necessário, no entanto, que conheçam também os problemas que ela pode causar. Esta inclusão tem que ir bem além da acessibilidade, ela precisa garantir condições de cidadania.

Nosso objetivo com este blog vai além de apenas divulgar a cultura Aikewára. O desejo é que ele seja o começo da inclusão digital Aikewára e que possa ajudá-los a negociar com os poderosos discursos que a rede internacional de computadores impõe, principalmente aos mais novos. A experiência ocidental tem demonstrado que a acessibilidade desprovida de uma postura crítica deixa os usuários bastante desprotegidos diante dos perigos do universo digital.

Também em maio de 2010 colocamos no ar um canal especial no Youtube para vídeos « Canal projeto Aikewára ». No final do mês de junho, o primeiro vídeo postado, um trailer dos filmes do projeto já tinha sido acessado por mais de 200 internautas.

Os meios são as mensagens

*Não tira foto assim não, minino! Vai banhar! Tá feio!
Tá sujo! Não pode aparecer assim não! Vai enfeiar o
projeto aí!*
(Hóy Suruí – professora indígena)

A primeira etapa do projeto previa um cadastro de todos os participantes do projeto e a primeira oficina, realizada apenas com as mulheres “A comida Aikewára”, que deu origem ao primeiro filme. Não tínhamos idéia do alcance destas atividades. Mesmo sem saber, estávamos dando início a significativos processos de mediação. Eram os registros escritos, as telas da máquina fotográfica, da filmadora e do

computador...

Primeiro de tudo: a palavra escrita imposta. Os índios Aikewára não aceitam mais a denominação Suruí, que foi dada pelos não-índios. No entanto, em todos os documentos, certidões, títulos, carteiras de identidade, eles todos aparecem com o sobrenome Suruí, nenhum é Aikewára: Mairá Suruí, Mihó Suruí etc. Há um descontentamento em relação a isso e eles estão tentando rever na justiça esta denominação. Infelizmente, na literatura especializada sobre sociedades indígenas, eles aparecem como Suruí do Pará.

No cadastro que fizemos dos participantes do projeto, colocamos o nome com o sobrenome Suruí, tiramos uma foto colorida de cada criança e incluímos informações sobre pai e mãe, idade e série. Não imaginávamos o quanto seriam reveladores estes registros.

Mairá, principal liderança Aikewára, pediu a todas as famílias que levassem seus filhos a escola, com a certidão de nascimento. De certa forma, isto foi uma dificuldade, algumas crianças não apareceram, porque não tinham certidão, mas na segunda viagem, conseguimos resolver este problema.

A hora da foto virou uma festa. Era a primeira vez que a maioria deles se via numa foto. Como trabalhamos com fotos digitais, o encantamento foi maior ainda, quando se viram na telinha do computador. Embora não tivéssemos atentado, estávamos dando início aos processos de mediação entre eles. Na visão dos Aikewára, eles não poderiam aparecer de qualquer jeito.

No início dos registros, havia algumas crianças arrumadas, de banho tomado. Nós não fizemos nenhuma exigência neste sentido. Mas diante das primeiras fotos, as mães começaram a impedir que as crianças aparecessem sem se arrumar. E foi uma grande movimentação na aldeia. Neste momento, o se arrumar significava tomar banho e vestir a melhor roupa que tivesse para sair na foto. Não imaginávamos como eles mudariam em relação ao se arrumar para ser fotografado e filmado.

Quando começou o projeto, não tínhamos a dimensão de como as representações que produziríamos se atravessariam, se constituiriam com o próprio processo de construção. A fala da Hóy, que inicia este tópico, ilustra bem esta situação, pois demonstra como as representações vão se construindo.

Maurício Neves, responsável pela produção de audiovisual do projeto, filmava tudo o que estava acontecendo na hora do cadastro e logo um grupo de crianças ficou bastante interessado em se ver na tela

da filmadora. Já neste momento, as crianças começaram a cantar “Ipirará, ipirareté, uruparari, uruparari”. Cantavam a música que conheciam bem na língua Aikewára. Também não imaginávamos, àquela altura, a importância desta música.

Todas as vezes em que chegamos à Terra Indígena Sororó, os meninos sempre cantam esta música. À noite, reunidos na Casona com os três bolsistas do projeto, as crianças costumam cantá-la. Numa ocasião, saíram da Casona cantando e deram uma volta em torno das casas novas, havia um garotinho de uns dois anos que ia à frente dançando. Foi um momento especial e todos pararam para apreciar.

Outra particularidade do cadastro que nos surpreendeu, mas que para eles era absolutamente natural, diz respeito aos nomes. Não existem nomes repetidos. Dentro da percepção cosmológica dos Aikewára, duas pessoas não podem ter o mesmo nome, “Cada um é um e tem que ter seu próprio nome” afirmava Arihêra Suruí, uma das principais representantes da cultura tradicional Aikewára. Arihêra ficou ao nosso lado o tempo todo dizendo o que significavam os nomes das crianças, eram nomes de pássaros, peixes, plantas, astros celestes. Ao final ela disse “Meu nome não tá aí não, porque eu não sou criança, mas Arihêra significa tartaruga em português. O que significa o nome de vocês?”

Os nomes não se repetiam, mas havia algumas crianças que declaravam dois nomes: um Aikewára e outro o nome “branco”. Taraí, uma índia de 11 anos, disse que preferia ser chamada pelo seu nome “branco”, que era Talita. Ela alegava ser mais fácil de aprender e além de tudo, achava mais bonito.

Considerações finais

Na segunda oficina, quando chegamos, eles estavam todos preparados para se pintar. Decidiram que certo mesmo era aparecer pintado com o grafismo Aikewára, ou melhor dizendo, que deviam aparecer vestidos com os desenhos Aikewára e não de banho tomado e arrumados com roupas ocidentais. Para eles, não fazia sentido registrar sua cultura vestido de “branco”. A aldeia inteira se pintou de jenipapo... Se num primeiro momento as mães reivindicavam uma identidade ocidental, na continuidade do projeto, o olhar Aikewára foi mudando. Analisando as relações entre identidades, mídias e discursos, afirma

Gregolin (2007, p. 11):

Seria redutor entender que há apenas passividade diante do agenciamento coletivo da subjetividade; pelo contrário, há pontos de fuga, de resistência, de singularização. Não há, nos discursos da mídia, apenas reprodução de modelos – ela também os reconstrói, reformata, propõe novas identidades.

Nas viagens seguintes, o jenipapo apareceu acompanhado da tinta vermelha do urucum, depois da plumagem Aikewára com seus adornos de cabelo, suas saias e seus expressivos araraws, que são conhecidos entre nós como cocar.

No final de junho de 2010, quando a Rede Globo chegou para fazer uma matéria entre eles, embora eu fizesse o papel de tradutora cultural, foram eles, os próprios Aikewára que deram o tom da matéria. Enquanto a jornalista circulava pela aldeia, entrevistando as pessoas, eles se reuniram e realizaram o Sapurahái, música e dança tradicionais. A força com que dançavam e cantavam nos obrigou a parar o que estávamos fazendo e a matéria se voltou para o Sapurahái. Eu não tinha nada a ver com isso.

Alguns meses depois dos primeiros registros, uma das crianças entrevistadas pela Rede Globo foi Taraí, que no início preferia ser chamada de Talita. Na hora que a jornalista perguntou seu nome, ela respondeu: “Taraí, Taraí Suruí”. Depois que acabou de falar, ela foi até a Lariza Gouvêa, uma das bolsistas do projeto e pediu: “Vê lá, Lariza, vê se a moça anotou meu nome direito. Vê se tá escrito Taraí Suruí!”. No processo que se iniciou com o projeto, a fala de Taraí dá visibilidade às suas identidades cambiantes, de alguém que vive nas fronteiras culturais. Se no início era mais bonito ser ocidental, diante da Rede Globo, ela julgou mais procedente marcar sua identidade Aikewára. Para Gregolin (2007, p. 11):

Ao mesmo tempo, há uma tensa relação entre a mídia e seus leitores: a subjetividade é fabricada e modelada no registro social, mas os indivíduos vivem essa subjetividade tensivamente, reapropriando-se dos componentes fabricados e produzindo a singularização, criando outras maneiras de ser. Se só houvesse submissão, não haveria produção de novos sentidos. Acontece que não há agenciamento completo das subjetividades, mas um permanente entrelaçamento móvel entre as forças de territorialização e as de desterritorialização, ambas agindo e provocando contradições.

Quando começamos o projeto, falamos que faríamos os filmes, o Cd e os livros, mas não

impusemos condições, eles próprios deveriam decidir o que seria registrado e como seria. Se no início precisou tomar banho e ficar bem arrumadinho, o próprio processo orquestrado por eles mesmos se encarregou de inserir o jenipapo e o urucum. Isso absolutamente não significa que os Aikewára deixaram de assistir à programação da televisão, ou que tenham abdicado da cultura ocidental. Esta é uma situação irreversível. Penso que o que vem mudando entre eles, é que agora eles conseguem se significar também com sua identidade indígena nas telinhas.

A essas alturas do século XXI, não podemos mais pensar a identidade indígena dentro de uma camisa de força. Nós e eles vivemos nestas fronteiras, melhor para todos, se todos puderem negociar suas identidades. E, esta possibilidade de negociação com as novas tecnologias da informação é a brecha que deixa ver uma outra realidade.

Não é preciso falar muito sobre o sentido da Rede Globo no Brasil, tanto em seus aspectos positivos como negativos. O fato é que depois da matéria, pelo menos nas cidades circunvizinhas da Terra Indígena Sororó, os Aikewára deixaram de ser vistos apenas como índios selvagens e ferozes. O Sapurahái mostrou a força e a delicadeza Aikewára nas telinhas de todos os brasileiros, exibido no Jornal Nacional. Mas, o maior mérito desta história toda é o sentido que a tradição e o novo estão adquirindo entre os próprios Aikewára.

Referências

CORRÊA, Maurício. Projeto apoiado pelo Criança Esperança: aikewarablogspot.com. In: <http://aikewara.blogspot.com/2010/05/projeto-apoiado-pelo-crianca-esperanca.html> - em 16/06/2010 às 10h.

FOUCAULT, Michel. *A Microfísica do Poder*. São Paulo: Graal, 2007

_____. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2000

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Análise do Discurso e mídia: a reprodução das identidades*. *Revista Comunicação, Mídia e Consumo*. São Paulo, Vol. 4, No11 (2007).

_____, Maria do Rosário. O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo. In GREGOLIN, M. *Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz (2004).

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002

_____. Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Ofício de Cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Edições Loyola, 2004

NEVES, Ivânia. *A Invenção do Índio e as Narrativas Oraís Tupi*. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, 2008

_____. A invenção do índio: ideologia e história. In: *O Discurso na Contemporaneidade*. Araraquara: Claraluz, 2009, v.1, p. 341-351

_____. Imagens em Bakhtin. In: *SILVA, Maria do Perpétuo Socorro Cardoso. As interfaces dos estudos linguísticos*. Belém: Editora Unama, 2008, v.4, p. 55-66.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993